

AUTORA BESTSELLER MULTIPREMIADA

ELIZABETH WEIN

«Um livro completo e tão bem escrito que parece que estamos ali, naquele tempo, naqueles lugares.»

*The Washington Post*

# NOME DE CÓDIGO:

# Verity

A amizade de duas jovens corajosas no mundo da espionagem da Segunda Grande Guerra.



TOP  
SEL  
LER  
#BLISS

Para a Amanda

- Fazemos uma equipa sensacional -

Os resistentes passivos devem entender  
que são tão importantes como  
os sabotadores

- *Manual de Operações Secretas,*  
«Métodos de Resistência Passiva»

de flanela e da camisola  
otismo ou a integridade.  
de volta, uma por uma.  
que me foram retirados  
tentei fazer). A camisola  
junto inteiro de poemas  
lhos dei, e von Linden  
espera na cela quando  
o fim de três horroresos  
a maldita camisola; mas  
aile já era um enorme  
que nunca mais vou  
ante menos do que a  
po de códigos. Existem  
para comprar a minha  
ria as roupas de fora  
e despir à frente de toda  
roupa. Ele é o único que  
um espetáculo e tanto,  
primeira vez que os danos  
ele olhasse para a sua  
bém era a primeira vez  
ueria exhibir as minhas  
escindir da combinação,  
e despir outra vez para  
prei um frasco de tinta e

## PARTE 1

VERITY

SOU UMA COBARDE.

Queria ser heroica e fiz de conta que era. Sempre fui muito boa a fazer de conta. Passei os primeiros 12 anos da minha vida a brincar à Batalha de Stirling Bridge com os meus cinco irmãos mais velhos. Apesar de ser uma rapariga, eles deixavam-me ser o William Wallace, que é presumivelmente um dos nossos antepassados, porque os meus discursos de motivação para a batalha eram os melhores de todos. Meu Deus, na semana passada esforcei-me tanto. Esforcei-me mesmo *tanto*, meu Deus. Mas sei que sou uma covarde. Depois daquele acordo absurdo que fiz com o Hauptstrumführer das SS, o von Linden, sei que sou uma covarde. Vou dar-vos as respostas para todas as vossas perguntas, vou contar tudo o que me lembrar. Até ao mais *Ínfimo Detalhe*.

O acordo que fizemos foi o seguinte. Vou escrever tudo para conseguir raciocinar como deve ser e entendê-lo inteiramente.

— Vamos fazer o seguinte — disse-me o Hauptstrumführer. — Como podes ser subornada? — E eu respondi que queria as minhas roupas de volta.

Agora parece-me bastante mesquinho. Tenho a certeza de que ele estava à espera que a minha resposta fosse qualquer coisa desafiante:

«Quero a minha liberdade» ou «a vitória», ou alguma coisa abnegada como «Parem de fazer jogos com o pobre rapaz da Resistência Francesa e deem-lhe uma morte digna e misericordiosa.» Ou pelo menos qualquer coisa mais diretamente relacionada com a minha circunstância atual, como «Por favor deixem-me dormir.» Ou: «Deem-me de comer» ou ainda: «Tirem este maldito ferro que mantiveram preso à minha espinha durante os últimos três dias.»

Mas estava preparada para a privação de sono, para a fome e para ficar levantada com as costas perfeitamente direitas durante mais uns tempos se pelo menos não estivesse só de roupa interior, que

de vez em quando ficava húmida e cheirava bastante mal, o que era MUITO EMBARAÇOSO. O calor e a dignidade da minha saia de flanela e da camisola de lã valem muito mais neste momento do que o patriotismo ou a integridade.

Por isso, o von Linden vendeu-me as minhas roupas de volta, uma por uma. Bem, à exceção do cachecol e dos collants, claro, que me foram retirados muito cedo para evitar que me enforcasse (coisa que tentei fazer). A camisola custou-me *quatro grupos do código sem fios* — o conjunto inteiro de poemas codificados, palavras-passe e frequências. Assim que lhos dei, o von Linden devolveu-me a camisola de imediato. Estava à minha espera na cela quando me desamararam finalmente daquela barra de ferro ao fim de três horrorosos dias, embora inicialmente nem tenha conseguido vestir a maldita camisola; mas só colocá-la por cima do corpo como se fosse um xaile já era um enorme conforto. Agora que consegui finalmente vesti-la, acho que nunca mais vou voltar a tirá-la. A saia e a camisa custaram-me bastante menos do que a camisola e os sapatos também só me custaram um grupo de códigos. Existem 11 grupos de códigos no total. O último devia servir para comprar a minha combinação. Reparem como ele determinou que receberia as roupas de fora para dentro, para ter de passar pelo tormento de me despir à frente de toda a gente de cada vez que me devolviam uma peça de roupa. Ele é o único que não me observa — quando sugeri que estava a perder um espetáculo e tanto, ainda ameaçou que voltava a tirar-me tudo. Era a primeira vez que os danos acumulados estavam em plena exibição e desejei que ele olhasse para a sua obra-prima, principalmente para os meus braços. Também era a primeira vez que conseguia estar de pé desde há muito tempo e queria exhibir as minhas capacidades. De qualquer maneira, decidi que vou prescindir da combinação, o que também me poupa ao desconforto de ter de me despir outra vez para a vestir, e em troca do último grupo de códigos comprei um frasco de tinta e papel, assim como algum tempo.

O von Linden disse que tenho duas semanas e que me dá todo o papel de que precisar. A única coisa que preciso de fazer é escrever tudo o que me lembrar sobre o Esforço de Guerra Britânico. E vou fazê-lo. O von Linden parece o Capitão Gancho, no sentido em que até

é um cavalheiro justo, apesar de ser um brutamontes, e eu sou muito parecida com o Peter Pan, na minha confiança ingênua em como ele vai cumprir as regras e manter a sua palavra. Até agora é o que tem feito. Para começar a minha confissão, ofereceu-me um papel maravilhoso, bege com relevos do Château Bordeaux, o Hotel do Castelo Bordeaux, que era o que este edifício onde estamos agora costumava ser. (Se não tivesse visto as persianas presas com tábuas e os cadeados a trancar as portas, jamais teria acreditado que um hotel francês pudesse vir a transformar-se num lugar tão ermo. Mas também conseguiste fazer de toda a linda cidade de Ormaie um lugar ermo.)

É bastante para depender de um único grupo de códigos, mas além do meu relato traidor também prometi a minha alma ao von Linden, embora julgue que ele não encarou a promessa com seriedade. De qualquer maneira, será um alívio escrever *qualquer coisa* que não esteja relacionada com código. Estou tão terrivelmente farta de cuspir códigos radiofónicos. Só quando acabei de transferir todas aquelas listas para o papel me apercebi da quantidade imensa de código que guardava dentro de mim.

Foi verdadeiramente espantoso, se foi.

SEUS NAZIS ESTÚPIDOS.

Estou simplesmente perdida. Estou absoluta e completamente perdida. Não importa o que venha a fazer, no fim vocês matam-me e pronto; é o que fazem a todos os vossos agentes. É o que nós fazemos aos agentes inimigos. De qualquer maneira, depois de acabar de escrever esta confissão, se não me matarem e se alguma vez conseguir chegar a casa, serei julgada e condenada à morte por ter colaborado convosco. Mas olho para todos os caminhos pedregosos e obscuros do futuro e sei que este é o mais fácil, o mais óbvio. O que me reserva o futuro: uma lata de querosene despejada pela goela abaixo e um fósforo em frente aos lábios? Arrancarem-me o escalpe com ácido, como fizeram ao rapaz da Resistência que se recusa a falar? O meu esqueleto vivo atirado numa carruagem de transporte de gado, com mais duzentos desesperados iguais a mim, carregados sabe Deus para onde, para morrer de sede antes de lá chegar? Não. Não vou por esses caminhos. Este é o caminho mais fácil. Os outros são demasiado assustadores até para contemplar.

Vou escrever em inglês. Não tenho vocabulário suficiente para escrever sobre guerra em francês e não sou suficientemente fluente em alemão. Alguém vai ter de traduzir para o Hauptstrumführer von Linden. A Fräulein Engel que traduza. Ela fala muito bem inglês. Foi ela que me explicou que parafina e querosene são a mesma coisa. Na minha terra chamamos-lhe parafina, mas os americanos chamam-lhe querosene e é mais ou menos assim que a palavra soa em francês e em alemão.

(Sobre a parafina, o querosene, ou lá o que lhe quiserem chamar. Não acredito que tenham um litro de querosene para desperdiçar em mim. Ou compram-na no mercado negro? Como é que justificam a despesa? *Um litro de combustível altamente explosivo para a execução de uma espiã britânica.* Enfim, vou dar o meu melhor para vos poupar à despesa.)

Um dos primeiros itens de uma lista extremamente longa que me deram sobre coisas que devo incluir na minha confissão são As Localizações dos Campos Aéreos para a Invasão da Europa. A Fräulein Engel pode confirmar que desatei a rir quando li isto. Acham mesmo que sei alguma coisa sobre de onde os Aliados estavam a pensar lançar a invasão sobre a Europa ocupada pelos Nazis? Sou Agente de Operações Especiais porque sei falar francês e alemão e sou boa a inventar histórias; sou prisioneira do Quartel-general da Gestapo em Ormaie porque não tenho o mais ténue sentido de orientação. E não se esqueçam de que as pessoas que me treinaram sempre encorajaram esta minha maravilhosa ignorância sobre os campos aéreos precisamente para *não* poder falar deles caso vocês me apanhassem; já para não falar de que nem sequer me disseram o nome do aeródromo de onde levantámos voo quando aqui vim. Deixem também que vos recorde de que estava em França há menos de 48 horas antes de aquele vosso prestável agente ter impedido que fosse atropelada por um camião francês cheio de galinhas porque olhei para o lado errado quando ia a atravessar a estrada. O que vos mostra como a Gestapo é astuta. «Esta pessoa que tirei debaixo da morte certa e das rodas de um camião estava à espera que o trânsito circulasse do lado esquerdo da estrada. Logo, deve ser britânica e o mais provável é ter caído de paraquedas na França

ocupada pelos Nazis depois de saltar de um avião dos Aliados. Vou prendê-la como espiã.»

Portanto, não tenho o menor sentido de direção. Em algumas pessoas, isto é uma FALHA TRÁGICA, e não vale a pena estar para aqui a tentar dirigir-vos para um campo aéreo em lado nenhum. Não sem alguém me dar as coordenadas. Talvez as pudesse inventar e ser bastante convincente quanto a elas, para conseguir comprar mais algum tempo, mas vocês iam acabar por me apanhar.

Um dos itens que também está na lista é Tipos de Aviões em Uso Operacional. Deus do céu, esta lista é engraçada. Se soubesse, ou me ralasse, um pouco que fosse, com as porcarias dos aviões, teria ido para os Transportes Aéreos Auxiliares, como a Maddie, a piloto que me deixou cair aqui, ou então ia trabalhar como montadora ou mecânica. Não andava para aqui a relatar factos e números para a Gestapo. (Não vou voltar a mencionar a minha cobardia porque estou a começar a sentir-me indecente com ela. Também não quero que se aborream com o meu relato e me levem este belo papel, para voltarem a segurar o meu rosto dentro de uma tina com água até eu desmaiar.)

Não, esperem, conheço alguns tipos de aviões, sim. Vou contar-vos tudo sobre os aviões que conheço, começando pelo Puss Moth. Foi o primeiro avião que a minha amiga Maddie alguma vez pilotou. Na verdade, foi o primeiro avião em que andou e até o primeiro que viu de perto. E a história de como vim aqui parar começa com a Maddie. Acho que nunca vou saber como acabei por ter o Bilhete de Identidade dela e a licença de piloto em vez dos meus próprios documentos de identificação quando vocês me apanharam, mas se vos contar a história da Maddie vão entender por que motivo voávamos juntas.

## TIPOS DE AVIÕES

O nome da Maddie é Margaret Brodatt. Têm os documentos dela, sabem como ela se chama. Brodatt não é um nome de Inglaterra; é um nome russo, acho eu, porque o avô dela veio da Rússia. Mas a

Maddie nasceu e cresceu em Stockport. Ao contrário de mim, tem um excelente sentido de orientação. Consegue guiar-se pelas estrelas e por simples reconhecimento, mas acho que aprendeu a usar o seu sentido de orientação como devia ser porque o avô lhe ofereceu uma moto quando ela fez 16 anos. A partir daqui, a Maddie começou a sair de Stockport e a percorrer as estradas desertas nas charnecas altas das colinas dos Peninos. Conseguem ver-se os Montes Peninos à volta de toda a cidade de Stockport, verdes e despidos com as nuvens rápidas e compridas e os raios de sol a passarem-lhes por cima como se fosse um filme a cores. Sei disto porque, num fim de semana em que estava de licença, fiquei em casa da Maddie e dos avós e ela levou-me a dar uma volta de moto pelo Pico Negro; foi uma das tardes mais maravilhosas da minha vida. Foi durante o inverno e o sol só se mostrou durante uns cinco minutos e mesmo assim a chuva gelada não parou de cair. Ela teve três dias de folga porque a previsão do tempo dizia que seria impossível algum avião levantar voo. Mas durante cinco minutos, Cheshire parecia verde e brilhante. O avô da Maddie tem uma loja de motos e, quando fui a casa com ela, ele tinha conseguido arranjar algum combustível no mercado negro. Estou a registar isto (apesar de não ter nada que ver com Tipos de Aviões) porque prova que sei do que estou a falar quando descrevo como era a sensação da Maddie estar sozinha no topo do mundo, ensurdecida pelo rugido dos quatro ventos e dois cilindros, com as planícies despidas de Cheshire, com os campos verdes e as chaminés vermelhas que se espalhavam aos seus pés como o xadrez de uma manta de piquenique.

A Maddie tinha uma amiga chamada Beryl, que tinha saído da escola, e no verão de 1938 a Beryl trabalhava na fição de algodão em Ladderall. Elas gostavam de fazer piqueniques ao domingo e iam na moto da Maddie, porque eram as únicas ocasiões em que se viam. A Beryl andava com os braços bem presos à volta do corpo da Maddie, como eu fiz quando andei com ela de moto. Não havia óculos de proteção para a Beryl, ou para mim, mas a Maddie tinha um par. Naquele domingo de junho em especial, foram avançando por entre as ruelas rodeadas de muros de pedra construídos pelos antepassados da Beryl e subiram até ao cimo de Highdown Rise, com lama

que lhes dava pelos tornozelos. A melhor saia da Beryl ficou arruinada naquele dia e o pai dela obrigou-a a pagar uma nova com o salário da semana seguinte.

— Adoro o teu avô — bramiu a Beryl ao ouvido da Maddie.  
 — Quem me dera que fosse meu avô. — (Eu também gostaria!)  
 — Imagina só, deu-te uma Silent Superb pelo teu aniversário!

— Bem, não é assim tão silenciosa — gritou a Maddie por cima do ombro. — E quando ele ma deu já não era nova; agora já tem cinco anos. Este ano tive de reconstruir o motor todo.

— O teu avô não a arranjou para ti?

— Ele nem sequer ma deu até eu desmontar o motor todo. Tinha de o arranjar sozinha, senão não podia ficar com ela.

— Continuo-o a adorá-lo — gritou a Beryl.

Foram avançando pelas estradas altas e verdes de Highdown Rise, ao longo de caminhos de trator que quase as faziam saltar por cima dos muros de pedra e cair numa cama de arbustos de urtigas, lama e ovelhas. Lembro-me e sei como deve ter sido. De vez em quando, na ponta de uma esquina ou por cima de um monte ou pico da colina, vê-se um pouco dos verdejantes Peninos que se estendem serenamente para oeste, ou as chaminés das fábricas do sul de Manchester a sarrabiscar o céu azul do norte com fumo preto.

— Assim vais ter uma aptidão — gritou a Beryl.

— Vou ter uma quê?

— Uma *aptidão*.

— Arranjar motores! — Riu-se a Maddie.

— É uma aptidão. Melhor do que carregar canelas.

— A ti pagam-te para carregares canelas — disse a Maddie de volta. — A mim ninguém me paga nada. — A estrada em frente estava repleta de buracos cheios de água da chuva. Parecia uma paisagem em miniatura dos lagos das Terras Altas. A Maddie abrandou a mota até que teve de parar. Pousou os pés na terra sólida, com a saia puxada até às coxas, ainda a sentir a trepidação confiável e familiar da Superb a percorrer todo o seu corpo. — Quem é que vai dar emprego a uma rapariga a arranjar motores? — perguntou. — A minha avó quer que aprenda a datilografar. Pelo menos ganhas algum dinheiro.

Tiveram de desmontar da mota para caminharem ao longo da estrada cheia de buracos. Depois surgiu outra colina e chegaram ao portão de uma quinta colocado entre os separadores de pedra dos campos e a Maddie encostou a mota ao muro, para poderem comer as sandes. Olharam uma para a outra e riram-se por estarem cheias de lama.

— O teu pai vai ficar furioso! — Exclamou a Maddie.

— E a tua avó!

— Ela já está habituada.

A Maddie disse que a expressão que a Beryl usava para piquenique era «comida em saco». Grandes fatias de pão de cereais que a tia cozia todas as quartas-feiras para três famílias e cebolas em conserva que eram tão grandes como maçãs. As sandes da Maddie eram de pão de centeio do padeiro de Reddyke, onde a avó a mandava ir todas as sextas-feiras. As cebolas em conserva fizeram com que a Maddie e a Beryl parassem de conversar porque faziam tanto barulho a mastigar que nem sequer se ouviam a falar, e tinham de engolir com cuidado para não se engasgarem com uma explosão súbita de vinagre. (Talvez o Grande-chefe Capitão von Linden achasse as cebolas em conserva uma arma de persuasão útil. E assim aproveitava para ir alimentando os prisioneiros.)

(A Fräulein Engel quer que eu deixe aqui registado, para o Capitão von Linden saber, que desperdicei 20 minutos do tempo que me dão porque nesta parte da história ri-me tanto com a piada sobre o vinagre e as cebolas em conserva que parti o bico do lápis. Tivemos de esperar que viesse alguém com uma faca para o afiar, porque a Menina Engel não tem autorização para me deixar sozinha. A seguir, desperdicei mais cinco minutos a chorar depois de ter partido o segundo bico do lápis porque a Menina E. o afiou muito perto da minha cara, e soprou as aparas para os meus olhos enquanto o SS-Scharführer Thibaut me segurava a cabeça e isto deixou-me terrivelmente nervosa. Já não estou a rir nem a chorar e vou tentar fazer menos força no lápis daqui para a frente.)

De qualquer maneira, pensem na Maddie antes da guerra, livre e em casa com a boca cheia de cebolas de conserva — só conseguiu apontar e cuspir quando um avião aos solavancos e a deitar fumo

passou por cima das suas cabeças e deu voltas sobre o campo para onde elas estavam a olhar, empoleiradas no muro. O avião era um Puss Moth.

Posso contar-vos um pouco acerca dos Puss Moth. São monoplanos — sabem, com um único conjunto de asas — rápidos e leves. O Tiger Moth, por exemplo, tem dois conjuntos de asas (estão a ver, lembrei-me de outro tipo de avião). As asas do Puss Moth podem ser dobradas para trás para o avião se arrumar ou armazenar com mais facilidade. A vista do cockpit é fantástica e tem capacidade para dois passageiros além do piloto. Já andei algumas vezes enquanto passageira. Acho que a versão melhorada deste avião se chama Leopard Moth (e assim se mencionam três aviões diferentes num único parágrafo!).

Este Puss Moth que andava aos círculos sobre o campo em Highdown Rise, o primeiro que a Maddie alguma vez encontrou, estava a engasgar-se e a morrer. A Maddie disse que era como estar no circo mesmo ao lado da pista. Com o avião a 300 pés de altitude, ela e a Beryl conseguiam ver todos os pormenores da máquina em miniatura: todos os cabos, todos os esticadores das asas de lona, o movimento das hélices de madeira enquanto giravam no ar sem produzir efeito. Do tubo de escape saíam grandes nuvens de fumo azul.

— Está a arder! — Gritou a Beryl, num misto de pânico e deslumbramento.

— Não está nada a arder. Está a queimar óleo — disse a Maddie, porque ela sabe estas coisas. — E se o piloto tiver um pingo de inteligência, vai desligar o motor e o fumo vai parar. Depois pode deslizar até aterrar.

Ficaram a observar. A previsão da Maddie realizou-se: o motor parou e o fumo dissipou-se e agora o piloto estava claramente a planear pousar o aparelho danificado no campo mesmo à frente delas. Era um pasto simples, não estava arado nem tinha erva cortada ou animais a pastar. As asas do avião passaram sobre as cabeças das raparigas e bloquearam o sol por um segundo, numa vaga que o fazia parecer a vela de um veleiro. A última passagem do avião espalhou todos os restos do almoço das raparigas no campo, migalhas castanhas e papel pardo a esvoaçar no fumo azulado como se fossem confettis do diabo.

A Maddie disse que se fosse num aeródromo aquela seria na verdade uma boa aterragem. No campo, a máquina voadora danificada saltitou descontrolada por cima das ervas altas durante uns bons 30 metros. Depois ficou graciosamente com o nariz empinado no ar.

A Maddie começou a aplaudir. A Beryl agarrou-lhe nas mãos e deu uma palmada numa delas.

— És muito parva! Ele pode estar ferido! Oh, o que devemos fazer?

A Maddie não tivera intenção de aplaudir. Fê-lo sem pensar. Consigo imaginá-la a soprar os caracóis pretos dos olhos, com o lábio inferior empinado antes de saltar do portão e passar por cima dos tufos de erva verde que rodeavam o avião.

Não havia chamas. A Maddie subiu até ao nariz do Puss Moth para conseguir chegar ao cockpit e colocou um dos sapatos com protetores de metal sobre o tecido que cobria a fuselagem (acho que é assim que se chama o corpo do avião) e aposto que até se arrepiou ao fazê-lo; também não tinha sido essa a sua intenção. Quando conseguiu abrir a porta estava a sentir-se muito quente e incomodada e estava à espera de um raspanete do piloto do avião, por isso ficou vergonhosamente aliviada quando viu que o piloto estava pendurado de pernas para o ar no arnês meio solto e claramente inconsciente. A Maddie olhou de relance para o desconhecido painel de instrumentos. Não tinha indicador de pressão de óleo (ela contou-me isto tudo depois). A válvula reguladora estava desligada. Já não era mau. A Maddie desemaranhou o arnês e deixou o piloto deslizar até ao chão.

A Beryl estava lá em baixo para arrastar o peso do corpo inerte do piloto. Era mais fácil para a Maddie descer do avião do que tinha sido subir para ele, bastou-lhe um salto curto. Desapertou as correias do capacete e dos óculos de proteção; ela e a Beryl tinham feito um curso de primeiros socorros nos escuteiros e se lhes servira de alguma coisa foi para aprenderem a certificar-se de que o ferido conseguia pelo menos respirar.

A Beryl começou a rir.

— Quem é a parva agora? — Disse a Maddie.

— É uma rapariga! — A Beryl soltou uma gargalhada. — É uma rapariga!



A Beryl ficou com a rapariga piloto inconsciente enquanto a Maddie foi na sua Silent Superb até à quinta mais próxima para pedir ajuda. Encontrou dois rapazes fortes, mais ou menos da sua idade, que estavam a limpar bosta de vaca com pás, e a mulher do fazendeiro que estava a escolher as primeiras batatas do ano e a amaldiçoar um grupo de raparigas que dançava o cotilhão no chão de pedra velha da cozinha (se não fosse domingo as raparigas estariam a lavar roupa). Foi destacado um grupo de salvamento. Pediram à Maddie que fosse de mota até ao fundo da colina, onde havia um bar com telefone.

— Sabes, amor, ela vai precisar de uma ambulância — disse a mulher do fazendeiro com meiguice. — Se andou a pilotar um avião, vai precisar de ir para o hospital.

As palavras ecoaram na cabeça da Maddie durante todo o caminho até ao telefone. A senhora não disse: «Se está ferida, precisa de ir para o hospital», mas «Se andou a pilotar um avião, vai precisar de ir para o hospital.»

*Uma rapariga voadora!*, pensou a Maddie. *Uma rapariga que pilotava um avião!*

Não, corrigiu-se; uma rapariga que não pilotara *bem* um avião, mas que se despenhou num avião, no meio de um pasto de ovelhas.

Mas antes de se despenhar pilotou o avião. Tinha de saber pilotar para conseguir aterrar (ou despenhar) o aparelho!

A conclusão parecia perfeitamente lógica para a Maddie.

*Eu nunca me despistei na mota*, pensou. *Logo, posso pilotar um avião.*

Conheço mais alguns tipos de aviões, mas o que me vem de repente à memória é o Lysander. Era o avião que a Maddie estava a pilotar quando me deixou cair aqui. Na verdade, ela devia aterrar como devia ser, não deixar-me cair do avião em pleno ar. Quando nos aproximámos daqui, fomos atingidas e a cauda incendiou-se; como não estava a conseguir controlar o avião condignamente, obrigou-me a saltar antes de tentar aterrá-lo. Não a vi a descer. Mas vocês mostraram-me as fotografias que tiraram no local onde se despenhou, por isso sei que ela despenhou o avião. Ainda assim, não

podem culpar o piloto por despencar do céu, quando o seu avião foi atingido por fogo antiaéreo.

UM POUCO DE APOIO BRITÂNICO  
AO ANTISSEMITISMO

O Puss Moth despenhou-se num domingo. No dia seguinte, a Beryl estava de volta ao seu trabalho na fiação em Ladderall. Ao pensar na vida longa que a Beryl teria a carregar canelas e a educar os bebés ranhosos que teve com um amante de cerveja nos subúrbios de Manchester, o meu coração contorceu-se e mirrou tanto com uma inveja tão negra e poderosa que estraguei metade desta página com as lágrimas antes de me aperceber que estavam a cair-me pelo rosto abaixo. Claro que isto foi em 1938 e desde essa altura a cidade foi completamente bombardeada, por isso talvez a Beryl e as crianças já nem estejam vivas, e se for esse o caso as minhas lágrimas de inveja são bastante egoístas. Peço imensa desculpa por causa do papel. A Menina E. está a espreitar por cima do meu ombro enquanto escrevo e diz-me para parar de interromper a história com mais pedidos de desculpas.

Ao longo da semana seguinte, a Maddie recolheu todas as notícias de jornal que saíram sobre a queda do avião com uma voracidade própria de uma Lady Macbeth. O nome da piloto era Dympna Wythenshawe (lembro-me do nome por ser tão engraçado). Era a filha mimada e mais nova de um Sir-Qualquer-Coisa Wythenshawe. Na sexta-feira surgiu uma notícia no jornal vespertino que se insurgia contra o facto de que assim que saiu do hospital, a Dympna começou a oferecer passeios lúdicos noutra avião (um Dragon Rapide — vejam bem como sou esperta), enquanto o Puss Moth estava em reparações. A Maddie estava sentada no chão do anexo do avô, ao lado da sua Silent Superb, que precisava de uma série de ajustes para estar apta para os passeios de fim de semana, enquanto se debatia com o jornal. Havia páginas e páginas de notícias sombrias sobre a probabilidade de uma guerra entre o Japão e a China e sobre a probabilidade crescente de uma guerra na Europa. Mas a

notícia de um pequeno Puss Moth que aterrara de nariz num campo em Highdown Rise já tinha uma semana; na sexta-feira já não havia fotografias do avião, só uma foto de rosto da aviadora sorridente, com um ar feliz, de cabelos ao vento e muito, muito mais bonita do que aquele idiota fascista do Oswald Mosley, cujo rosto desdenhoso fitava a Maddie no melhor local da página, junto ao cabeçalho. A Maddie tapou o rosto dele com a caneca de cacau e pensou na forma mais rápida de chegar até ao Aeródromo Catton Park. Ainda ficava longe, mas no dia seguinte já era sábado outra vez.

Na manhã seguinte, a Maddie arrependeu-se de não ter prestado mais atenção à história de Oswald Mosley. Ele estava ali, ali em Stockport, a falar em frente a St. Mary's, junto ao mercado de sábado e os idiotas dos apoiantes fascistas dele estavam a fazer uma marcha para se encontrarem com ele; a marcha começava junto à câmara municipal e acabava no St. Mary's, causando pelo caminho uma grande confusão de trânsito e de pessoas. Nesta altura já tinham acalmado um pouco o tom antisemita que os caracterizava e aquele ajuntamento era presumivelmente em nome da Paz, acreditem ou não, e pela Paz estavam a tentar convencer toda a gente que o melhor era manter uma relação cordial com os idiotas dos fascistas na Alemanha. Os apoiantes de Mosley já não tinham autorização para usar as suas simbólicas camisas pretas, de extremo mau gosto, porque agora havia uma lei sobre as marchas públicas com indumentárias políticas; a lei fora criada para impedir que os apoiantes de Mosley provocassem mais desacatos como os que começaram com as suas marchas que atravessaram os bairros judeus de Londres. Mas, de qualquer maneira, continuavam a juntar-se para apoiarem Mosley. Havia uma multidão feliz, composta por aqueles que o adoravam, e uma multidão zangada, feita daqueles que o detestavam. Havia senhoras com cestos que só queriam fazer as suas compras de sábado. Havia polícias. E havia gado — alguns dos polícias estavam a cavalo, e um rebanho de ovelhas estava a ser levado de um lado para o outro, também no caminho que ia dar ao mercado, e uma carroça de leite puxada por cavalos que ficou parada no meio do rebanho. Havia cães. Provavelmente também havia por ali gatos, coelhos, galinhas e patos.

A Maddie não conseguiu atravessar a Estrada de Stockport (não sei como se chama realmente a estrada. Talvez se chame mesmo assim, já que é a estrada principal que vem do sul. Não se apoiem demasiado nas minhas indicações geográficas.) A Maddie esperou e fartou-se de esperar na orla da multidão imensa, à espera de um espaço por onde pudesse passar. Vinte minutos depois, começou a ficar aborrecida. Agora também já havia gente a comprimir-se contra ela por trás. Tentou virar a mota, levando-a pelo guiador e embateu em alguém.

— Ei! Cuidado enquanto vais a empurrar essa mota!

— Desculpe! — A Maddie levantou os olhos.

Era um grupo de rufias que vinham assistir ao comício de camisas pretas, apesar de poderem ser presos por isso, cabelos puxados para trás com brilhantina, como se fossem um bando de aviadores. Olharam para a Maddie de alto a baixo com um ar guloso, certos de que seria uma presa fácil.

— Bela mota.

— Belas pernas!

Um deles riu-se com um som fanhoso.

— Belo...

Usou uma palavra feia e impronunciável e nem me vou dar ao trabalho de a reproduzir, porque acho que nenhum de vocês sabe o que significa em inglês e eu não sei certamente como se diz em francês ou em alemão. O bandido usou-a como provocação e resultou. A Maddie empurrou a frente da mota por cima do rapaz em quem embatera inicialmente e voltou a derrubá-lo; ele agarrou-lhe no guiador com os punhos enormes, mesmo entre as mãos dela.

A Maddie manteve-se firme. Ficaram ali um instante a debater-se pelo controlo da mota. O rapaz recusava-se a largá-la e os amigui-nhos riram-se.

— O que faz uma rapariga como tu com um brinquedo grande como este? Onde a arranjaste?

— Na loja de motas, o que é que achas?

— Na Brodatt's — disse um deles. Só havia uma loja de motas naquele lado da cidade.

— Vende motas a judeus, não vende?

— Talvez seja uma mota judia.

Vocês provavelmente não sabem, mas Manchester e os seus subúrbios fumarentos têm uma população judia bastante numerosa e ninguém se rala com isto. Bem, evidentemente alguns idiotas fascistas ralam, mas creio que entendem o que quero dizer. Vieram da Rússia, da Polónia e mais tarde da Roménia e da Áustria, de toda a Europa de Leste na verdade, durante todo o século XIX. A loja de motas de que os rapazes falavam era a loja dos avós da Maddie, que o avô tinha já há 30 anos. A loja tinha um negócio bastante bom, o suficiente para o avô poder dar à avó da Maddie a vida boa a que ela estava acostumada; viviam numa casa grande e antiga em Grove Green, nos limites da cidade, e tinham um jardineiro e uma rapariga que todos os dias cuidava da lida da casa. De qualquer maneira, quando estes rapazes começaram a dizer mal da loja do avô da Maddie, ela mordeu o isco e, com muito pouca prudência, começou a discutir com eles.

— São precisos os três para concluir um pensamento? Ou se tiverem tempo suficiente para pensar primeiro, conseguem fazê-lo sem os vossos amiguinhos?

Eles empurraram a mota para o chão. E a Maddie foi atrás dela. Porque o que os idiotas dos fascistas sabem fazer melhor é agredir e intimidar as pessoas.

Mas começou a ouvir-se uma onda de indignação ruidosa por parte das outras pessoas que andavam na rua apinhada e o pequeno bando de rufias voltou a rir-se e foi-se embora. A Maddie conseguia ouvir a gargalhada fanhosa daquele rapaz mesmo depois de ele virar as costas e desaparecer na multidão.

O número de pessoas que veio em seu auxílio para a ajudar a levantar era superior aos que a derrubaram: um operário, uma rapariga com um carrinho de bebé e uma criança, e duas senhoras com cestos de compras. Não se meteram na luta nem interferiram. Mas ajudaram-na a levantar-se e a sacudir as roupas; o operário passou as mãos com adoração pelo guarda-lamas da Silent Superb.

— Não se magoou, menina?

— Bela mota!

Foi a criança que falou. Mas a mãe disse rapidamente:

— Ei, pouco barulho — porque era exatamente o que o rufia de camisa preta que empurrara a Maddie lhe tinha dito.

— É uma bonita mota — disse o homem.

— Está a ficar velhota — disse a Maddie com modéstia, mas contente.

— Malditos vândalos.

— Tens de tratar desses joelhos, querida — aconselhou uma das senhoras com os cestos.

A Maddie ficou a pensar para com os seus botões, imaginando os aviões: *Esperem só para ver o que vai acontecer, seus fascistas idiotas. Vou arranjar um brinquedo ainda maior do que esta mota.*

Quando conseguiu abrir caminho por entre a multidão e avançou para as ruas de seixos de Stockport, a fé de Maddie na humanidade estava restaurada. Ali não havia ninguém a não ser grupos de crianças ruidosas a jogar futebol de rua e irmãs mais velhas aborrecidas, com os seus cabelos amarrados com panos do pó, a sacudir tapetes e a esfregar as soleiras das portas sem grande graciosidade, enquanto as mães faziam as compras. Juro que se continuar a pensar nelas vou chorar de inveja outra vez, entretanto arrasadas pelos bombardeamentos ou não.

A Fräulein Engel tem estado a olhar por cima do meu ombro outra vez e pediu-me para parar de escrever «fascistas idiotas», porque considera que o Hauptstrumführer von Linden não vai gostar. Creio que ela tem um bocadinho de medo do Cap. von Linden (mas também quem é que a pode culpar?) e parece-me que o Scharführer Thibaut também tem medo dele.

## LOCALIZAÇÃO DOS AERÓDROMOS BRITÂNICOS

Não acredito realmente que precisam que vos diga que o Aeródromo Catton Park fica em Ilsmere Port, porque nos últimos dez anos tem sido praticamente o aeródromo mais concorrido do norte da Inglaterra. Constroem-se aviões lá. Antes da guerra, albergava também um clube do voo civil muito elegante e há muitos anos que

funciona como base da Real Força Aérea. O esquadrão da Real Força Aérea tem bombardeiros naquele aeródromo desde 1936. Em relação ao uso que lhe dão agora, o vosso palpite é tão bom como o meu, e talvez até seja melhor (mas não duvido que esteja rodeado de balões artilhados e metralhadoras antiaéreas). Quando a Maddie lá chegou naquele sábado de manhã, ficou parada por um instante a olhar feita parva (a expressão é da sua autoria), primeiro para o parque de estacionamento de carros, que continha a maior coleção de carros caros que ela já vira num sítio só, e depois para o céu, que continha a maior coleção de aeronaves. Encostou-se à vedação para os observar. Alguns minutos depois, percebeu que os aviões voavam numa espécie de padrão, aterrando e voltando a rugir para levantar voo à vez. Meia hora depois, continuava a observá-los e percebeu que um dos pilotos era principiante e que o seu aparelho saltava sempre dois metros no ar depois de tocar no solo e antes de aterrar em definitivo; outro praticava manobras acrobáticas perfeitamente loucas e outro ainda levava as pessoas a passear — dava uma volta ao aeródromo, andava cinco minutos no ar, voltava a aterrar; os passageiros entregavam os seus dois xelins, passavam os óculos de proteção ao passageiro seguinte e adeus, obrigado.

Era um lugar arrebatador, naquele tempo de paz desconfortável em que os militares e os pilotos civis usavam a pista de descolagem à vez, mas a Maddie estava determinada e seguiu as placas até ao clube de voo. Encontrou por acidente a pessoa que procurava — na verdade foi fácil porque a Dympna Wythenshawe era a única aviadora desocupada do aeródromo; estava sozinha numa longa fila de cadeiras de jardim desbotadas colocadas em frente ao clube dos pilotos. A Maddie não reconheceu a piloto. Não se parecia nem um pouco com a fotografia glamorosa que saíra no jornal nem com a rapariga inconsciente com o capacete na cabeça que a Maddie vira no domingo anterior. A Dympna também não reconheceu a Maddie, mas falou com ela animadamente.

— Queres dar uma volta de avião?

Falava com uma pronúncia de quem tinha dinheiro, privilégios e estudos. Um pouco como a minha, mas sem o arrastado escocês. Não seria tão privilegiada como eu, mas devia ter mais dinheiro.

De qualquer maneira, fez com que a Maddie se sentisse imediatamente como uma criada.

— Estou à procura da Dympna Wythenshawe — disse a Maddie. — Queria só saber como se tem sentido depois... depois da semana passada.

— Ela está ótima. — A elegante criatura sorriu agradavelmente.

— Eu encontrei-a — disse a Maddie de repente.

— Ela está melhor do que nunca — afirmou a Dympna, estendendo uma lânguida mão, tão branca como um lírio que certamente nunca na vida tinha mudado o óleo a um filtro (as minhas mãos brancas como lírios já mudaram, se vos interessar saber, mas só sob apertada supervisão). — Ela está mesmo boa. Ela sou eu.

A Maddie cumprimentou-a.

— Senta-te — sugeriu a Dympna com uma voz arrastada (basta imaginar que ela sou eu, educada num castelo e num colégio interno na Suíça, só que bastante mais alta e sem andar sempre ranhosa). Acenou para as cadeiras vazias. — Há imenso espaço.

Estava vestida como se estivesse de partida para um safari e até com esta roupa conseguia ser glamorosa. Além das viagens lúdicas, também dava aulas de voo. Era a única mulher piloto do aeródromo e certamente a única mulher instrutora.

— Quando o meu querido Puss Moth estiver arranjado, ofereço-te uma viagem — disse à Maddie, e esta, que é muito calculista, pediu-lhe se podia ver o avião.

Tinham-no desmanchado em peças em Highdown Rise e transportado as peças para casa, onde agora uma equipa de homens com macacões cheios de óleo trabalhava arduamente numa série de oficinas para o voltarem a montar. O maravilhoso motor do Puss Moth (isto são as palavras da Maddie, que é um bocadinho doida) só tinha METADE DA FORÇA do motor da sua mota. Estavam a tirar os restos de terra do meio das engrenagens com escovas de aço. Estava em cima de um oleado desfeito, com as suas mil peças brilhantes. A Maddie percebeu de imediato que tinha ido ao sítio certo.

— Oh, posso ficar a ver? — perguntou. E a Dympna, que nunca sujava as mãos, mas conhecia todos os cilindros e válvulas ali expostos no chão, deixou a Maddie pintar um pouco da lona nova

(por cima da fuselagem que ela tinha pisado) com uma mistela de plástico pegajoso que servia de tinta especial e que cheirava a cebolas de conserva. Depois de se passar uma hora e a Maddie continuar ali a perguntar como se chamavam as partes todas do avião e para o que serviam, os mecânicos deram-lhe uma escova de aço e deixaram-na ajudar.

A Maddie disse que depois disto sempre se sentiu muito segura a voar no Puss Moth da Dympna, porque tinha ajudado a montar o motor com as suas próprias mãos.

— Quando voltas aqui? — perguntou a Dympna quatro horas depois, enquanto bebiam chá em chávenas gordurentas.

— É muito longe para poder cá vir muitas vezes — confessou a Maddie com tristeza. — Vivo em Stockport. Durante a semana ajudo o meu avô no escritório e ele paga-me o combustível, mas não posso cá voltar todos os fins de semana.

— És a rapariga mais sortuda do mundo — disse a Dympna. — Assim que o Puss Moth estiver arranjado vou mudar ambos os aviões para Oakway. Fica mesmo junto à Fiação de Ladderal, onde trabalha a tua amiga Beryl. No sábado que vem há uma gala importante em Oakway, por ocasião da abertura oficial do aeródromo. Vou buscar-te e podes ver o espetáculo todo da bancada dos pilotos. E a Beryl também pode vir.

E aqui estão os dois aeródromos que consigo localizar para vossa sabedoria.

Estou a ficar um pouco trémula, porque desde ontem que ninguém me deixa comer ou beber nada e estou a escrever há nove horas. Por isso, agora, vou arriscar atirar o lápis para o outro lado da mesa e dar um bom grito...

Esta caneta não funciona. Desculpem borrões. É teste ou castigo. Quero o meu lápis de volta

[nota para Hauptstrumführer Amadeus von Linden, traduzida do alemão]

A Oficial de Voo Britânica está a dizer a verdade. A tinta que lhe foi fornecida era demasiado velha ou espessa para usar e entupiu o aparo da caneta. Foi agora diluída e estou a testá-la para confirmar que já se encontra em estado aceitável para a escrita.

Heil Hitler!  
SS-Scharführer Etienne Thibaut

Seu traidor ignorante e *incapaz*, SS-Scharführer Etienne Thibaut, EU SOU ESCOCESA.

Os comediantes Bucha e Estica, quero dizer o Subsargento Thibaut e a Guarda-Feminina-de-Serviço Engel, têm-se divertido bastante à minha custa por causa da tinta inferior que o Thibaut encontrou para eu escrever. Tinha de a diluir com *querosene*, o maldito, não tinha? Ficou chateado quando comecei a protestar por causa da tinta e parecia não acreditar em mim quando disse que entupia o aparo, por isso fiquei *muito perturbada* quando ele se foi embora e voltou com um litro de querosene. Assim que entrou com a lata na mão percebi imediatamente o que era e a Menina E. teve de me atirar com um jarro de água para o rosto para parar o meu histerismo. Agora está sentada à minha frente na mesa a acender e a reacender o cigarro e a atirar as

cinzas na minha direção para me fazer saltar de susto, mas enquanto o faz vai-se rindo.

Ela ontem à noite estava ansiosa porque não tinha a certeza se eu vomitara factos suficientes para me classificar como uma boa Judas. Mais uma vez, acho que estava preocupada com a reação do von Linden, uma vez que é ela quem tem de traduzir o que eu escrevo. Como se veio a revelar, ele disse que era «um panorama interessante sobre a situação da Bretanha ao longo do tempo» e «uma perspectiva individual curiosa» (ele estava a testar o meu alemão enquanto fazia estes comentários). Por outro lado, acho que ele também está à espera que eu faça algumas denúncias sobre o *Monsieur* Bucha e a *Mademoiselle* Estica. Não confia no Thibaut porque ele é francês e não confia na Engel porque ela é uma mulher. Agora, enquanto escrevo durante o dia devem dar-me água (para beber e para prevenir novos acessos de histerismo) e um cobertor. Pela possibilidade de ter um cobertor no meu pequeno e gelado quarto, senhor SS-Hauptstrumführer Amadeus von Linden, até denunciava sem o menor remorso ou hesitação o meu heroico antepassado William Wallace, o Guardião da Escócia.

Sei que os vossos outros prisioneiros me desprezam. O Thibaut levou-me a uma... não sei o que se chama quando se obriga outra pessoa a observar, é uma *instrução oficial*? Talvez tenha sido para me recordar como tenho tanta sorte? Depois da minha birra de ontem, quando já tinha parado de escrever e antes de ter autorização para comer, a caminho da minha cela, o Scharführer Thibaut obrigou-me a parar e a observar, enquanto o Jacques era novamente interrogado. (Não faço ideia qual é o nome verdadeiro dele; *Jacques* é o que os cidadãos franceses chamam uns aos outros em *Um Conto de Duas Cidades* e parece-me um nome apropriado.) Aquele rapaz odeia-me. Não faz diferença nenhuma que eu também esteja presa à minha cadeira com cordas de piano ou lá o que vocês usam, que arqueje e soluçe por causa dele ou que desvie os olhos o tempo todo, a não ser que o Thibaut me segure na cabeça para o ver. O Jacques sabe, todos sabem, que sou uma colaboradora, a única cobarde entre eles. Mais ninguém lhes deu uma única linha de código — quanto mais ONZE CONJUNTOS — já para não falar desta minha

confissão escrita. Quando o arrastam para fora da sala, o Jacques cospe-me.

— Pequeno monte de merda escocês.

Parece uma frase tão bonita em francês, *p'tit morceau de merde écossaise*. E pronto, consegui acabar sozinha com a velha aliança de 700 anos entre a França e a Escócia.

Há mais um Jacques, uma rapariga, que sempre que nos levam a passar uma pela outra começa a assobiar o *Scotland the Brave*, (a minha prisão é a antecâmara da suite que eles usam para os interrogatórios), ou outro hino de batalha associado com a minha nacionalidade, e depois cospe-me também. Todos me detestam. Não é o mesmo ódio que sentem por Thibaut, o grande traidor da pátria, que é conterrâneo deles e está a trabalhar para o inimigo. Eu também sou vossa inimiga, devia fazer parte do clube dele. Mas estou para lá do desprezo. Sou um pequeno monte de merda escocês.

Não acham que os fortalece o facto de lhes oferecerem alguém que possam desprezar? Eles olham para mim com desdém desde os seus cantos e pensam: «*Mon Dieu*. Nunca me deixes ser igual a ela.»

## A GUARDA CIVIL AÉREA (ALGUNS NÚMEROS)

Este cabeçalho parece espetacularmente oficial. Até já me sinto melhor. Como uma pequena Judas de verdade.

Vamos supor que vocês são uma rapariga de Stockport em 1938, criada pelos vossos amorosos e permissivos avós e que são bastante obcecados por motores. Vamos supor que decidem que querem aprender a voar: a voar de verdade. A pilotar aviões.

Um curso de três anos na Escola de Voo custaria mais de mil libras. Não faço ideia de quanto ganhava por ano o avô da Maddie naquela altura. O seu negócio de motas era bastante bem-sucedido, como já disse; embora não tanto durante a Depressão, mas ainda assim, de acordo com os padrões da altura, qualquer pessoa consideraria que tinham uma boa vida. De qualquer maneira, pagar um ano de aulas de voo à Maddie iria provavelmente custar ao

avô uma boa parte do rendimento anual. Teve a primeira aula de graça, uma excursão de uma hora no Puss Moth restaurado da Dympna, num glorioso fim de dia no verão, com um vento fresco e luz prolongada, quando viu os Montes Peninos de cima pela primeira vez. A Beryl também a pôde acompanhar na viagem, uma vez que tinha estado tão envolvida no salvamento da Dympna como a Maddie, mas a Beryl teve de ir sentada no banco do fundo e não conseguia ver tão bem; além disso enjoou e teve de vomitar para o saco. Agradeceu à Dympna, mas nunca mais voltou a voar.

E claro, isto foi uma viagem de lazer, não uma aula. A Maddie não tinha dinheiro para as aulas. Mas fez do Aeródromo de Oakway a sua casa. A paixão por Oakway era paralela à paixão pelos aviões — quero ter brinquedos maiores, desejava ela a certa altura, e *voilà*, uma semana depois ali estava Oakway. Ficava a apenas um quarto de hora de mota da casa dela. O aeródromo era tão novo que os mecânicos de lá ficaram muito contentes por terem um par de mãos capazes para ajudar. Naquele verão, a Maddie passava os sábados todos a mexer em motores, a forrar asas de aviões e a fazer amigos. Depois, em outubro, a sua persistência deu frutos, súbita e inesperadamente. Foi nesta altura que começámos a Guarda Aérea Civil.

Quando digo nós, estou a referir-me à Grã-Bretanha. Praticamente todos os clubes de voo do país se juntaram à iniciativa e, por isso, foram tantos os milhares de pessoas a candidatar-se — para treinos de voo grátis! — que a Guarda só pôde aceitar cerca de um décimo dos candidatos. E nestes, apenas 1 em cada 20 eram mulheres. Mas a Maddie voltou a ter sorte, porque todos os engenheiros e mecânicos de Oakway a conheciam e gostavam dela e, por isso, teve recomendações maravilhosas por ser rápida, dedicada e por saber tudo sobre níveis de óleo. Não era instantaneamente melhor do que os restantes pilotos que recebiam treino em Oakway com a Guarda Aérea Civil. Mas também não era pior do que eles. Fez o seu primeiro voo a solo na primeira semana do ano novo, por entre nevões.

Mas agora vejam a cronologia destes acontecimentos. A Maddie começou a voar no fim de outubro de 1938... Hitler (repararão certamente que repensei a utilização de termos descritivos coloridos para o vosso Führer e que os risquei cuidadosamente) invadiu a Polónia

no dia 1 de setembro de 1939 e a Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha dois dias depois. A Maddie fez o teste de voo prático para a obtenção da licença de voo «A», a licença básica de piloto, seis meses antes de qualquer avião civil estar no solo, em agosto. Depois disso, a maior parte das aeronaves foi solicitada para os serviços do governo. Ambos os aviões da Dymnna foram requisitados pelo Ministério da Aviação para missões de comunicação e ela ficou furiosa com isto.

Dias antes de a Grã-Bretanha declarar guerra à Alemanha, a Maddie voou sozinha até ao outro lado da Inglaterra, passando por cima dos Montes Peninos e evitando a barragem de balões que protegiam o céu em redor de Newcastle como muralhas de prata. Seguiu para norte pela costa, até Bamburgh e Holy Island. Conheço muito bem esta extensão do Mar do Norte, porque o comboio entre Edimburgo e Londres passa por aqui e, quando estava na escola, andava sempre para cima e para baixo. Depois, quando a minha escola fechou mesmo antes do início da guerra, em vez de acabar os estudos noutra qualquer, fui para a universidade um pouco de repente, só durante um semestre, e fui de comboio também, sentindo-me muito crescida.

A costa de Nortúmbria é a extensão mais bonita de toda a viagem. Em agosto, o sol ainda se põe bastante tarde no norte da Inglaterra e a Maddie e as suas asas de lona voavam baixinho sobre os areais extensos de Holy Island, onde as focas se reuniam. Voou sobre as grandes escarpas de Lindisfarne e Bamburgh, a norte e a sul, e sobre as ruínas do priorado do século XII, sobre os campos que se estendem em tons de amarelo e verde em direção a Cheviot Hill, na Escócia. A Maddie regressou seguindo os 110 quilómetros de velhos muros que parecem costas de dragões do Muro de Adriano, até chegar a Carlisle e depois para sul através dos baldios de Lakeland ao longo do Lago Windermere. As montanhas altas erguiam-se à sua volta e as águas exultadas pelos poetas brilhavam por baixo de si nos vales plenos de narcisos, como nos *Swallows and Amazons*, do Peter Rabbit. Regressou a casa por Blackstone Edge, por cima da velha estrada Romana para evitar o céu cheio de fumo que pairava sobre Manchester e aterrou em Oakway, a soluçar de angústia e amor; amor, pela ilha que era a sua casa e que vira do ar, inteira e frágil, no espaço de uma tarde, de costa a costa, sustendo

a respiração perante o brilho do verão e da luz do sol. Tudo estava prestes a ser engolido por noites de chamas e escuridão. A Maddie aterrou em Oakway antes de o sol se pôr e desligou o motor, depois ficou sentada no cockpit a chorar.

Penso que mais do que qualquer outra coisa, a Maddie foi para a guerra em nome do amor pelas Holy Islands.

Desceu finalmente do Puss Moth da Dympna. O sol baixo do entardecer iluminava os restantes aviões do hangar que a Dympna usava, eram brinquedos caros prestes a desempenhar a sua mais sagrada tarefa (em menos de um ano, aquele mesmo Puss Moth, pilotado por outra pessoa, transportaria entregas de sangue para a aflita Força de Expedição Britânica em França). Maddie fez todas as verificações que normalmente fazia depois de um voo e depois começou com as que executava antes de descolar. A Dympna encontrou-a ali meia hora depois, ainda sem deixar o avião a dormir, a limpar os mosquitos do vidro, à luz dourada do entardecer.

— Não precisas de fazer isso.

— Alguém tem de o fazer. E eu não vou voltar a pilotá-lo, pois não? Não depois do dia de amanhã. É o mínimo que posso fazer, verificar os níveis de óleo e limpar os mosquitos.

A Dympna ficou calmamente a fumar sob a luz do crepúsculo, enquanto observava a Maddie a trabalhar. Depois disse:

— Nesta guerra vai haver trabalho aéreo para as raparigas. Basta esperares. Eles vão precisar de todos os pilotos que conseguirem arranjar para a Real Força Aérea. Vão chamar jovens rapazes, alguns deles com menos experiência de voo do que aquela que tens agora, Maddie. E isso vai deixar os homens mais velhos, e as mulheres, para pilotarem novos aviões e transportarem as suas mensagens e os seus pilotos. Esse trabalho será nosso.

— Achas que sim?

— Está a ser criada uma unidade para formar os pilotos civis para poderem ajudar no Esforço de Guerra. Chama-se ATA — Transportes Aéreos Auxiliares — e será constituída por homens e mulheres. Um dia vai acontecer. O meu nome já está na lista; a Pauline Gower está encarregue da secção feminina. — A Pauline era amiga de voo da Dympna; foi ela quem a encorajou a fazer os

passeios de avião lúdicos. — Não tens as qualificações necessárias para este trabalho, mas não vou esquecer-me de ti, Maddie. Quando voltarem a abrir os treinos às raparigas envio-te um telegrama. Serás a primeira.

A Maddie esfregou os mosquitos do vidro e os olhos, demasiado infeliz para conseguir responder.

— E quando acabares de trabalhar aqui vou fazer-te a melhor chávena de chá de Oakway e amanhã de manhã vou levar-te até ao posto de recruta da WAAF mais próximo.

A WAAF é a Força Aérea Auxiliar Feminina, que ajuda a RAF, a Real Força Aérea. Na Força Auxiliar Feminina não se *voa*, mas da forma como as coisas são agora quase se consegue fazer o mesmo trabalho que um homem faz, ou seja, todas as tarefas associadas com o voo e o combate: eletricistas, técnicos, carregadores, operadores de balões de defesa, condutores, cozinheiros, cabeleireiros... Haviam de pensar que a nossa Maddie iria escolher um trabalho de mecânica, não era? Mas no início da guerra ainda não tinham aberto esse tipo de tarefas às mulheres. Não importava que a Maddie tivesse bastante mais experiência do que muitos rapazes; não havia lugar para ela e pronto. Mas também já tinha aprendido código Morse e um pouco de transmissão de rádio como parte do treino para a licença de pilotagem «A». Em agosto de 1939, o Ministério da Aviação estava em pânico, com dificuldade em encontrar mulheres que fizessem o trabalho de rádio, até que se aperceberam da quantidade de homens que iam precisar para pilotar os aviões. A Maddie juntou-se à WAAF e acabou por se tornar operadora de rádio.

#### ALGUMAS TAREFAS DA WAAF

Era como estar de regresso à escola. Não sei se a Maddie sentia o mesmo; ela não tinha andado num colégio interno na Suíça, mas sim numa escola pública em Manchester e certamente nunca ponderou ir para a universidade. Mesmo quando andava na escola, ia para casa ao fim do dia e não precisava de partilhar o quarto com mais 20 raparigas, ou dormir num colchão de palha feito com três

fardos, que mais parecia um canapé de almofadas. Chamávamos-lhes «biscoitos». Mas estávamos sempre tão cansadas que não queríamos saber; dava a minha mão direita para ter um aqui neste momento. Aquela inspeção pormenorizada que eles faziam, em que tínhamos de dispor todos os nossos bens terrenos numa ordem ocasional, mas específica em cima do cobertor, como um puzzle, e se alguma coisa estivesse desviada um milímetro, retiravam-nos pontos aos resultados — isto era exatamente como estar de regresso à escola. Depois havia todo o jargão que acompanhava os nossos dias, os «exercícios no largo das casernas», as refeições aborrecidas e os uniformes, apesar de o grupo da Maddie não ter recebido inicialmente uniformes oficiais. Usavam casacos de malha azuis a condizer, como as escuteiras (as escuteiras não usam casacos de malha da Força Aérea azuis, mas percebem o que quero dizer).

Inicialmente a Maddie ficou colocada em Oakway, o que era muito conveniente por ser perto de casa. Isto foi no final de 1939, início de 1940. A Guerra a Fingir. Naquela altura não acontecia grande coisa.

Pelo menos não na Grã-Bretanha. Estávamos a roer as unhas enquanto praticávamos.

Estávamos à espera.

## TELEFONISTA

— Tu! Rapariga do casaco azul!

Cinco raparigas com auriculares desviaram os olhos dos respetivos quadros de distribuição, apontaram para o peito e perguntaram silenciosamente: *Eu?*

— Sim, tu! Aviadora Brodatt! O que estás a fazer aqui? És uma operadora de rádio licenciada!

A Maddie apontou para o auricular e para o fio que estava prestes a ligar no quadro.

— Tira essa porcaria da cabeça e responde-me.

Ela virou-se novamente para o quadro de distribuição e ligou calmamente o cabo. Premiou as teclas apropriadas e falou claramente para o microfone.

— O Capitão do Grupo está em linha, senhor. Pode falar. — Tirou o auscultador e virou-se para o resmungão que estava à espera de resposta. Era o chefe de instrutores de voo do esquadrão da Força Aérea de Oakway, o mesmo que tinha feito o teste de voo à Maddie quase há um ano.

— Desculpe, senhor. Foi aqui que fui colocada, senhor. — (Eu bem disse que era como estar de regresso à escola.)

— Colocada! Mas vocês nem sequer estão fardadas!

Cinco dedicadas Aviadoras de Primeira Classe endireitaram os seus casacos de malha azuis da Força Aérea.

— Ninguém nos atribuiu uniformes oficiais, senhor.

— Colocada! — Repetiu ele. — Amanhã começa na sala de rádio, Aviadora Brodatt. A assistente operadora está doente com gripe. — E tirou o auscultador da consola, equilibrando-o precariamente na sua gigantesca mão. — Liga-me à administração da WAAF — disse. — Quero falar com o oficial da tua secção.

A Maddie virou os botões, ligou o fio e deu as suas ordens de colocação através do seu próprio telefone.

## OPERADORA DE RÁDIO

— Aprendiz para base, aprendiz para base — a chamada veio do avião de treino. — Posição incerta, massa de água triangular à frente, a leste do corredor.

— Base para aprendiz — respondeu a Maddie. — É um lago ou uma represa?

— Pode repetir?

— É um lago ou uma represa? O corpo de água triangular?

Depois de um breve silêncio, a Maddie explicou:

— Uma represa tem uma barragem numa das extremidades.

— Aprendiz para base. É afirmativo a represa.

— É Ladyswell? Vê os balões de defesa de Manchester às dez horas e o Macclesfield às oito horas?

— Aprendiz para base, é afirmativo. Posição determinada. Sobre Ladyswell de regresso a Oakway.

A Maddie suspirou.

— Base para aprendiz, confirme a aproximação final.

— Confirmo.

A Maddie abanou a cabeça, praguejando entre dentes numa atitude pouco elegante.

— Oh, pelas alminhas! Visibilidade ilimitada! Visibilidade ilimitada à exceção da grande cidade poluída a noroeste! Ou seja, é uma cidade grande e fumarenta que se vê a 3 mil pés, rodeada por algumas centenas de balões de hidrogénio tão grandes como autocarros! Como, em nome do Senhor, vai ele conseguir encontrar Berlim se nem Manchester consegue encontrar?

O silêncio instalou-se brevemente na sala de rádio. Depois o oficial chefe de rádio disse calmamente:

— Aviadora Principal Brodatt, ainda está em transmissão.

— Brodatt, pare onde está!

A Maddie e o resto do pessoal foram mandados para casa. Ou pelo menos de regresso às várias casernas e albergues, para uma tarde de folga. O tempo naquele dia estava tão horrível que até os candeeiros de rua se teriam acendido, não fosse o medo de os aviões inimigos verem as luzes, não que os aviões inimigos conseguissem voar com aquelas condições. A Maddie e as restantes WAAF da sua caserna ainda não tinham recebido os uniformes oficiais, mas estávamos no inverno e tinham recebido sobretudoos da RAF — sobretudoos de homem. Eram quentes e impermeáveis, mas um pouco ridículos. A Maddie apertou o seu contra o corpo quando o oficial falou para ela, colocou-se muito direita e desejou ter um aspeto mais apumado do que o que suspeitava ter. Ela parou para ele a conseguir alcançar e ficou à espera sobre as tábuas colocadas sobre a pista de betão, porque havia tanta água no chão que se pisássemos uma poça ficávamos com os sapatos completamente mergulhados.

— Foste tu quem ralhou com os meus aprendizes no bombardeiro Wellington hoje de manhã? — perguntou o oficial.

A Maddie engoliu em seco. Tinha atirado o protocolo de rádio às urtigas para guiar aqueles rapazes, conduzindo-os durante uma pausa de dez minutos por entre nuvens baixas, enquanto rezava para

que seguissem as suas indicações sem as questionarem e para que não os estivesse a enviar diretamente para os cabos de aço cheios de explosivos que prendiam os balões de defesa ali colocados para deter os aviões inimigos. Agora reconheceu o oficial: era um dos líderes do esquadrão.

— Sim, senhor, fui eu — admitiu com a voz rouca e o queixo empinado. O ar estava tão húmido que o cabelo se colava à sua testa. A Maddie aguardou pacientemente, esperando que ele a mandasse para o tribunal marcial.

— Aqueles rapazes devem-te as suas vidas, e de que maneira — disse ele à Maddie. — Nenhum deles domina os instrumentos e estavam a voar sem mapa. Não os devíamos ter deixado levantar voo hoje de manhã.

— Obrigado, senhor — disse a Maddie arquejante.

— Fartaram-se de te elogiar, os rapazes. O que me fez pensar: fazes alguma ideia de como é a pista de aterragem, vista do céu?

A Maddie sorriu timidamente.

— Eu tenho uma licença de voo «A». E ainda é válida. Mas não voo desde agosto.

— Oh, estou a ver!

O líder do esquadrão da RAF acompanhou a Maddie até à cantina, que ficava numa das extremidades do aeródromo. Ela teve de trotar ligeiramente para conseguir acompanhar o passo dele.

— Tiraste a tua licença aqui em Oakway, foi? Com a Guarda Civil Aérea?

— Sim, senhor.

— Nível de instrutor?

— Não, senhor. Mas já voei de noite.

— Ora, isso é invulgar! Usaste a linha de nevoeiro?

Ele estava a falar dos candeeiros a gás com luz forte que ladeavam ambos os lados da pista a intervalos e que permitiam a aterragem quando as condições meteorológicas eram más.

— Duas ou três vezes, senhor. Mas não com demasiada frequência.

— Então já viste a pista do ar. E de noite também! Bem...

A Maddie aguardou. Não fazia realmente a menor ideia do que aquele homem podia dizer a seguir.

— Se vais ralar com os pilotos, é bom que saibas como é a vista a partir do cockpit de um bombardeiro Wellington no que diz respeito à configuração de aterragem. Estás a postos para um voo de Wellington?

— Oh, sim, por favor, senhor!

(Estão a ver, era exatamente como estar de regresso à escola.)

## ESTAROLA

Isto não faz parte das funções da WAAF. É só o nome que dão a quem vai a bordo de um avião só pelo prazer da viagem, mas não oferece nenhum contributo significativo para que o voo seja bem-sucedido. Talvez a Maddie fosse mais um piloto passivo do que uma estarola.

— Acho que não colocou o giroscópio direcional a zeros.

— Ele disse 270. Virou para leste.

— Olhem bem, rapazes, há um avião a ir para norte às três horas, mil pés abaixo.

Quando o trem de aterragem falhou, a Maddie teve de justificar o seu lugar e manobrar a bomba manual, para não terem de aterrar sem trem. Em certa ocasião, deixaram-na andar no torreão da metralhadora. Ela adorou. Era como se fosse um peixe-dourado e tivesse o céu todo só para si.

As viagens da Maddie no Wellington não eram propriamente clandestinas, mas também não faziam parte dos procedimentos habituais. Era contada como uma das Almas a Bordo, quando o avião descolava, mas não tinha certamente autorização para dar palpites quando as equipas de aprendizes do bombardeiro praticavam os voos rasantes sobre as charnecas altas. Por isso, foram várias as pessoas que estavam de serviço e de folga que saíram das oficinas e das salas de chá masculinas e femininas, sem farda e de rostos pálidos, quando viram os rapazes da RAF a trazerem a Maddie em braços através da pista.

Uma das suas amigas da WAAF, chamada Joan, e o líder do esquadrão foram os primeiros a chegar junto dela.

— O que foi? O que aconteceu? Ela está ferida?

A Maddie não estava ferida. Mas estava a bater nos rapazes do Wellington para que a pusessem no chão.

— Larguem-me, toda a gente vai ver e as raparigas nunca mais me vão deixar esquecer disto...

— O que se passou?

A Maddie debateu-se para chegar ao chão e ficou a tremer sobre o betão.

— Dispararam contra nós — disse ela, desviando os olhos, a arder de vergonha com o impacto que o acontecimento teve sobre si.

— Dispararam contra vocês! — Rosnou o líder do esquadrão. Estávamos na primavera de 1940, a guerra ainda estava na Europa continental. Foi antes daquele maio desastroso em que os Aliados fugiram e retiraram para as praias francesas, antes do cerco que foi a Batalha da Bretanha, antes das noites de trovoadas e chamuscas do Blitz. Na primavera de 1940, os nossos céus estavam alerta e armados, inquietos. Mas ainda eram seguros.

— Sim, dispararam contra nós! — Ecoou o piloto do Wellington, furioso. Também estava branco como a cal. — Aqueles idiotas que controlam as antiaéreas nos balões de defesa de Cattercup. Fomos alvejados pelos nossos próprios artilheiros. Quem é que os anda a treinar? Malditos idiotas com o dedo pesado no gatilho! Qualquer miúdo da escola consegue identificar a diferença entre um charuto voador e um lápis voador!

(Chamamos aos nossos maravilhosos Wellingtons «charutos voadores» e aos ferozes Dorniers «lápiz voadores». Divirta-se a traduzir isto, Menina E.)

O piloto ficara tão assustado como a Maddie, mas pelo menos não estava a tremer.

A Joan colocou uma reconfortante mão em redor dos ombros da Maddie e avisou-a num murmúrio para não fazer caso da linguagem do piloto. A Maddie soltou uma gargalhada insegura e forçada.

— Eu nem sequer estava no torreão da metralhadora — murmurou. — Graças a Deus que não vou voar para a Europa.



## DEPARTAMENTO DE SINAIS

— O Tenente de voo Mottram não para de te fazer elogios — disse a oficial de secção da WAAF à Maddie. — Ele diz que tens o par de olhos mais aguçados de todo o aeródromo de Oakway — a oficial revirou os olhos. — Deve ser um pouco de exagero, mas ele diz que no ar és sempre a primeira a ver outro avião a aproximar-se. Gostavas de continuar o treino?

— Em quê?

A oficial de secção tossiu de um modo apoloético.

— É relativamente secreto. Bem, é bastante secreto. Diz que sim e mando-te para o curso.

— Sim — disse a Maddie.

Para esclarecer uma observação que me fizeram antes, confesso que estou a inventar os nomes todos. Acham mesmo que me lembro dos nomes e patentes de toda a gente com quem a Maddie alguma vez trabalhou? Ou todos os aviões em que voou? Acho que assim também é mais interessante.

É tudo o que posso escrever em condições hoje, embora pudesse continuar a tagarelar sobre nada se achasse que ao fazê-lo podia evitar as próximas horas de interrogatório — a Engel a esforçar-se por entender a minha caligrafia e o von Linden a encontrar lacunas em tudo o que escrevo. Tem de ser feito... não vale a pena adiar. Tenho um cobertor pelo qual ansiar mais tarde, espero eu, e talvez um prato morno de *kailkenny à la guerre*, ou seja, puré de couve e batata, mas sem batata e com muito pouca couve. Felizmente ainda não apanhei escorbuto, graças ao fornecimento infinito de couve nas prisões francesas. Que bom...

## UMA MISSÃO FALHADA

No dia 11 de outubro de 1943, em plena Segunda Guerra Mundial, um avião espião britânico despenha-se em território francês ocupado pelos nazis. A bordo, numa missão ultrassecreta, seguem duas jovens amigas: Maddie, a piloto, e *Verity*, a passageira.

## NAS MÃOS DO INIMIGO

Apesar de sobreviver ao acidente, *Verity* é capturada pela Gestapo. Para uma agente secreta, ser aprisionada em território inimigo é o pior dos pesadelos. Os interrogadores nazis dão-lhe uma escolha difícil: revelar o objetivo da sua missão, em troca de dias de vida, ou enfrentar um destino terrível.

## TRAIÇÃO OU SALVAÇÃO?

Enquanto escreve a sua confissão, *Verity* vai revelando o seu passado, numa história emotiva, cruel e redentora. Cada nova página representa mais tempo de vida para si, mas também mais segredos entregues ao inimigo. Resta saber se essa confissão será o suficiente para salvá-la e se conseguirá concluir com sucesso uma missão aparentemente condenada ao fracasso.

**UM LIVRO MULTIPREMIADO. UM HINO À AMIZADE E À CORAGEM.  
O RETRATO IMPRESSIONANTE DO MUNDO DA ESPIONAGEM,  
ONDE NUNCA NADA É O QUE PARECE SER!**



«Um livro poderoso, inesquecível e arrebatador.»

*Kirkus*

«O leitor ficará ansioso a cada página,  
desesperado por saber como termina.»

*School Library Journal*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8917-12-6



9 789898 917126

Literatura Traduzida